

REVISTA

Ciencias de la Documentación



Volumen 5 - Número 2
julio/diciembre 2019

ISSN 0719-5753

Editorial
Cuadernos de Sofia

CUERPO DIRECTIVO

Directores

Francisco Ganga Contreras

Universidad de Los Lagos, Chile

Carolina Cabezas Cáceres

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Laura Sánchez Menchero

Instituto Griselda Álvarez A. C., México

Subdirectores

Eugenio Bustos Ruz

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Alex Véliz Burgos

Universidad de Los Lagos, Chile

Editor

Juan Guillermo Estay Sepúlveda

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Cuerpo Asistente

Traductora: Inglés

Pauline Corthorn Escudero

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Traductora: Portugués

Elaine Cristina Pereira Menegón

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Portada

Felipe Maximiliano Estay Guerrero

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Asesoría Ciencia Aplicada y Tecnológica:

Editorial Cuadernos de Sofía

Santiago – Chile

Revista Ciencias de la Documentación

Representante Legal

Juan Guillermo Estay Sepúlveda Editorial

COMITÉ EDITORIAL

Dra. Kátia Bethânia Melo de Souza

Universidade de Brasília – UNB, Brasil

Dr. Carlos Blaya Perez

Universidade Federal de Santa María, Brasil

Lic. Oscar Christian Escamilla Porras

Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Ph. D. France Bouthillier

MgGill University, Canadá

Dr. Miguel Delgado Álvarez

Instituto Griselda Álvarez A. C., México

Dr. Juan Escobedo Romero

Universidad Autónoma de San Luis de
Potosí, México

Dr. Jorge Espino Sánchez

Escuela Nacional de Archiveros, Perú

Dr. José Manuel González Freire

Universidad de Colima, México

Dra. Patricia Hernández Salazar

Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Dra. Trudy Huskamp Peterson

Certified Archivist Washington D. C., Estados
Unidos

Dr. Luis Fernando Jaén García

Universidad de Costa Rica, Costa Rica

Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Universidade de Brasília, Brasil

Lic. Beatriz Montoya Valenzuela

Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú

Mg. Liliana Patiño

Archiveros Red Social, Argentina

Dr. André Porto Ancona Lopez

Universidade de Brasília, Brasil

Dra. Glaucia Vieira Ramos Konrad

Universidad Federal de Santa María, Brasil

Dra. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz
Universidad Nacional Autónoma de México,
México

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Dr. Héctor Guillermo Alfaro López
Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Ph. D. Juan R. Coca
Universidad de Valladolid, España

Dr. Martino Contu
Università Degli Studi di Sassari, Italia

Dr. José Ramón Cruz Mundet
Universidad Carlos III, España

Dr. Carlos Tulio Da Silva Medeiros
Instituto Federal Sul-rio-grandense, Brasil

Dr. Andrés Di Masso Tarditti
Universidad de Barcelona, España

Dra. Luciana Duranti
University of British Columbia, Canadá

Dr. Allen Foster
University of Aberystwyth, Reino Unido

Dra. Manuela Garau
Universidad de Cagliari, Italia

Dra. Marcia H. T. de Figueredo Lima
Universidad Federal Fluminense, Brasil

Dra. Rosana López Carreño
Universidad de Murcia, España

Dr. José López Yepes
Universidad Complutense de Madrid, España

Dr. Miguel Angel Márdero Arellano
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência
e Tecnologia, Brasil

Lic. María Auxiliadora Martín Gallardo
Fundación Cs. de la Documentación, España

Dra. María del Carmen Mastropiero
Archivos Privados Organizados, Argentina

Dr. Andrea Mutolo
Universidad Autónoma de la Ciudad de
México, México

Mg. Luis Oporto Ordoñez
Director Biblioteca Nacional y Archivo
Histórico de la Asamblea Legislativa
Plurinacional de Bolivia, Bolivia
Universidad San Andrés, Bolivia

Dr. Alejandro Parada
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Dra. Gloria Ponjuán Dante
Universidad de La Habana, Cuba

Dra. Luz Marina Quiroga
University of Hawaii, Estados Unidos

Dr. Miguel Ángel Rendón Rojas
Universidad Nacional Autónoma de México,
México

Dr. Gino Ríos Patio
Universidad San Martín de Porres, Perú

Dra. Fernanda Ribeiro
Universidade do Porto, Portugal

**Dr. Carlos Manuel Rodríguez
Arrechavaleta**
Universidad Iberoamericana Ciudad de México, México

Mg. Arnaldo Rodríguez Espinoza
Universidad Estatal a Distancia, Costa Rica

Dra. Vivian Romeu
Universidad Iberoamericana Ciudad de México, México

Mg. Julio Santillán Aldana
Universidade de Brasília, Brasil

Dra. Anna Szlejcher
Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

Dra. Ludmila Tikhnova
Russian State Library, Federación Rusa



CUADERNOS DE SOFÍA
EDITORIAL

Indización

Revista Ciencias de la Documentación, se encuentra indizada en:



CATÁLOGO





CUADERNOS DE SOFÍA
EDITORIAL

ISSN 0719-5753 - Volumen 5 / Número 2 / Julio – Diciembre 2019 pp. 07-18

LEITURA E ESCRITA COMO FONTE DE PRAZER

READING AND WRITING AS A PLEASURE SOURCE

Mtda. Fabiana Gomes da Silva

Atenas College University, Estados Unidos
fabianagomesversos@gmail.com

Lic. Rinaldo Vitorino de Freitas

Universidade Federal da Paraíba, Brasil
rinaldovitorinni@gmail.com

Mtdo. Tanilson Enedino da Silva

Atenas College University, Estados Unidos
tanilsonenedino@hotmail.com

Fecha de Recepción: 04 de agosto de 2019 – **Fecha Revisión:** 13 de agosto de 2019

Fecha de Aceptación: 26 de septiembre 2019 – **Fecha de Publicación:** 01 de octubre de 2019

Resumo

A linguagem é constitutiva da ação humana material essencialmente interativo. Assiste-se a uma revolução tecnológica de expressiva magnitude nos mais diversos campos sociais. O aprendiz do século XXI transita de uma modalidade de aprendizagem de leitura e escrita de forma analógica, por meio de livros e textos para um mundo altamente digital. Ainda que sobre este novo paradigma ainda se entende como dificultoso o desenvolvimento do hábito leitor e escritor. As escolas, ainda que com poucos recursos, acaba por investir nas novas tecnologias como meio de dirimir esta distância que o aluno possui da leitura. Sabe-se que através do desenvolvimento das habilidades e competências leitora e escritora abre-se espaço para a formação de seres críticos e reflexivos com capacidade de se expressar e omitir opiniões em todos os campos sociais que lhes for requerido este conhecimento.

Palavras-Chaves

Leitura – Escrita – Prazer – Autonomia

Abstract

Language is constitutive of essentially interactive material human action. There is a technological revolution of significant magnitude in the most diverse social fields. The 21st century learner moves from an analog learning mode of reading and writing through books and texts to a highly digital world. Although this new paradigm is still understood as difficult the development of the reader and writer habit. Schools, albeit with few resources, end up investing in new technologies as a means of bridging the distance students have from reading. It is known that through the development of and writing skills and competences, space is created for the formation of critical and reflective beings capable of expressing and omitting opinions in all social fields that require this knowledge.

Keywords

Reading – Writing – Pleasure – Autonomy

Para Citar este Artículo:

Silva, Fabiana Gomes da; Freitas, Rinaldo Vitorino de y Silva, Tanilson Enedino da. Leitura e escrita como fonte de prazer. Revista Ciencias de la Documentación Vol: 5 num 1 (2019): 07-18.

Introdução

Não há como viver em uma sociedade à parte da utilização da linguagem. Afinal, o dialeto constitui todas as ações praticadas pelo ser humano. Todo processo de constituição ocorre a princípio no ambiente escolar e familiar. Assim, torna-se primordial referir acerca da crise institucional que atinge a educação pública que acaba por incidir diretamente no professor e no aprendiz. A escola em sua totalidade necessita cada vez mais se posicionar frente ao processo de desenvolvimento das habilidades leitora e escritora.

Sabe-se que, ainda em meio a crise das instituições escolares, na contemporaneidade, é possível se utilizar de múltiplas metodologias que fomentem no aprendiz a motivação para interagir com o mundo mágico proporcionado pelos livros ou pelas novas tecnologias.

O professor é o mediador de todo processo de construção do saber e assim sendo necessita estar atento a toda gama de dificuldades que o aluno possua no processo de leitura e escrita para assim facilitar este aprendizado e torná-lo prazeroso para o educando. Nesse processo relacional há de se ter como meta a formação de aprendizes críticos e reflexivos, cidadãos que possam argumentar a partir dos aprendizados obtidos por meio das leituras diversas com as quais interagiram.

A priori, dotado das habilidades e competências leitora e escritora o ser humano se torna um ser autônomo, com condições de conquistar seu espaço na sociedade. A leitura conduz a viagens que despertam a curiosidade, a contemplação do que é belo, e, para tanto, se faz primordial que se estimule e motive cada vez mais as gerações atuais a exercer interação com o hábito da leitura, quer seja esta a partir de um livro analógico ou por meio virtual.

Tecnologia e Aprendizagem

O homem é um ser de linguagens e, portanto, capaz de produzir cultura. Entende-se por cultura o conjunto das diferentes maneiras por meio das quais o ser vivo se relaciona com informações e interação com outras pessoas, para além dos padrões preconizados na vida cotidiana.

Assim sendo, não há como desconsiderar o arcabouço teórico de Vygotsky¹, para quem o homem se constitui em um ser histórico que se desenvolve a partir da interação com o outro, com o meio e consigo mesmo em um processo dialético, por meio das relações sócio-históricas e culturais com as quais convive ao longo da vida e que constituem em primordiais para o desenvolvimento de seu conhecimento. Na mesma linha de pensamento vygotiskiano, Bakhtin, defende que o homem aparte das “condições sócio-econômicas de uma sociedade, não tem nenhuma existência” e para tanto, apenas enquanto “membro de um grupo social, de uma classe, é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural e nascimento físico por si não remete o ser à historicidade”. Ainda na defesa bakhtiniana “o homem precisa de um segundo nascimento - o social. Não se nasce organismo biológico abstrato, mas se nasce camponês ou aristocrata, proletário ou burguês”².

¹ Lev Vygotsky, *A construção do pensamento e da linguagem* (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

² Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal* (São Forense Universitária, 1992), 28-29.

Como há uma necessidade premente do ser humano em se relacionar e se comunicar, originou-se a linguagem que, em decorrência de seu caráter simbólico possibilita a criação de ferramentas semióticas primordiais no desenvolvimento do conhecimento. Com a escolarização do ensino da leitura e da escrita a partir de práticas mecânicas de decodificação, notou-se que a linguagem sempre foi imbuída de poder como já referia Rousseau³ em seu Ensaio sobre a origem das línguas e para cumprir de fato seu papel social como preconiza Tiquara, “é necessário que as palavras tenham um significado, ou seja, que cada palavra represente um conceito”⁴.

A leitura no entendimento de Santa Anna e Pereira “constitui uma prática individual e social” e esta ação se “manifesta por meio da existência de um dado suporte, o que vai ao encontro das pesquisas desenvolvidas por Chartier”⁵ e nesse sentido, os autores referem que:

“A leitura constitui um processo interpretativo de informações materializadas em um dado suporte. Sem a existência do suporte, a informação perder-se-ia com facilidade, não sendo possível armazená-la para futura análise. A comunicação oral por si só viabiliza a consolidação de uma leitura momentânea, perdendo a oportunidade de poder ser contextualizada por outros leitores e em outras ambiências”⁶.

Este também é o pensamento do educador catalão Mèlich quando defende igualmente que “a leitura é uma relação com o outro. Na leitura, esse outro é um conjunto de elementos que permanecem em qualquer contexto”. Para o autor, “sempre que lemos, entramos em relação com quem escreveu o livro, com os personagens, com um tempo e um espaço, com outras situações e com outros livros lidos anteriormente”⁷.

A sociedade contemporânea se inter-relaciona com novos formatos de leitura e escrita permeados por um avanço tecnológico sem precedentes e uma nova geração nascida entre 2000 e 2018. Uma geração que são apresentadas a um novo universo tecnológico já desde pequenos. Como pontua Garcia, Stein e Ramón⁸ estas crianças “são alegres, seguras de si e cheias de energia. É a geração (...) da internet, da variedade, das tecnologias que mudam contínua e vertiginosamente”.

A interligação entre adolescentes e novas tecnologias é expressiva, os jovens de hoje nasceram e cresceram cercados por diversas tecnologias - internet, blogs, sites de relacionamento, telefones celulares, etc. - que se convencionou chamar de nova mídia. Barcelos⁹.

³ Jean Jacques Rousseau, Ensaio Sobre a Origem das Línguas em Rousseau 4ª ed. (São Paulo: Unicamp 1987).

⁴ Tiquara, Figuras de linguagem, <http://momentotiquatira.blogspot.com/2010/03/>, Acesso em:30 de junho de 2019.

⁵ Jorge Santa Anna e Gleice Pereira, “Os suportes de informação e suas interferências na formação do leitor”, Revista Linha Mestra Vol: 24 ano 8 (2014): 1639.

⁶ Roger Chartier, Textos, Impressos, Leituras. In: História Cultural: entre Práticas e Representações (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990), 17.

⁷ J. C. Mèlich, “Pedagogia da finitude”. In: Revista Linha Direta. SINEPEsAEC. São Paulo, Ano 5, num 49 (2002): 24-26.

⁸ P. García, G. Stein e J. Ramón. Quem é a geração Y? Disponível em. <http://www.ldearoli.com.br/pdf>. 2010

⁹ Renato Hübner Barcelos, “Socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumos das novas tecnologias de comunicação pelos jovens”. (Dissertação de Mestrado

Uma geração que convive singularmente com o imediatismo das informações que se propagam por meio da internet e que acaba por gerar uma lacuna entre a leitura tradicional dos livros que repercute diretamente em problemas com a escrita. Ainda assim, não há como dissociar o ato leitor por meio da internet nem tampouco desconsiderar uma nova forma de escrita.

Por assim o ser, Almeida¹⁰ defende que “a única maneira de fazer das escolas outra coisa que não seja prisões sem grades é começar rever os valores arcaicos e partir do zero, com novas técnicas e valores”. Aquele que lê ou escreve se transforma em um interlocutor do seu próprio texto. E para atrair a atenção do outro, necessita que esta sua escrita seja prazerosa.

Interessante quando Zambrano apud David¹¹, propõe que no ato da leitura se faz necessário que o autor vá “ao encontro da palavra, que também vem até nós”. Em consonância, Freire (1998, 28) propõe que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Individualmente, conforme destaca Cunha Filho¹², “deve-se aprender que a leitura e a escrita favorecem um pensamento mais abrangente e mais elaborado da realidade vivida”. Para o autor, “disso depende o exercício diferenciado da cidadania. No plano coletivo, deve-se aprender que a cidadania é responsabilidade com a própria vida e com a vida dos outros”.

A predileção de Sartre¹³, “escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor chamado a recompor o objeto belo para além dos traços deixados pelo artista”, e, certamente não foi à toa que o mestre Guimarães Rosa, tenha perpetuado na historicidade humana sua compreensão sobre o perfil do leitor:

“Quero que o leitor tenha de enfrentar um pouco o texto, como a um animal bravo e vivo. (...) ... o leitor tem de ser chocado, despertado de sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos. Tem de tomar consciência viva do escrito, a todo momento. Tem quase de aprender novas maneiras de sentir e de pensar. Não o disciplinado – mas a força elementar, selvagem. Não a clareza – mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. (...). O próprio mundo é uma coleção de enigmas giratórios”¹⁴.

apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010), 11.

¹⁰ Airton Lorenzoni Almeida, “Mídia, Educação e Cidadania na Aldeia Global: para que mundo estamos e educando?” UNIrevista Vol: 1 num 3 (2006): Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Almeida.pdf.

¹¹ W. David, Anotações Sobre Bakhtin. 2003. Disponível em <http://mestradodotche.blogspot.com/216/05/anotacoes-sobre-bakhtin-unicamp.html>. Acesso em novembro 2018.

¹² J. L. Cunha Filho, Alfabetização de adultos e universidade: algumas ideias para discussão. In: Caderno da ABESC. Alfabetização de jovens e adultos nas IES Católicas (Belo Horizonte: PUC Minas, 2002), 02.

¹³ Jean-Paul Sartre, As palavras (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999), 120.

¹⁴ João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas (Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Saraiva, 2011). (Com base na 20 aed. de 2001), 59.

A leitura é parte essencial de um processo social capaz de incentivar a formação de seres pensantes, críticos e de fato letrados com condições essenciais de transformar a palavra em instrumento fomentador do convívio social. O professor é o ser capaz de propiciar o ensino da prática leitora e escritora de forma crítica e reflexiva permeada por textos prazerosos e motivadores.

Envoltos em um contexto dinâmico e tecnológico, Amorim¹⁵ alerta para o fato de que tão “somente a reprodução mecânica de um texto não é possível – a reimpressão; sua utilização por um sujeito, sua releitura ou sua citação criam sempre uma nova relação dialógica e, portanto, um novo sentido”. Nesse contexto é primordial focar na figura do professor e na metodologia que conduzirá para a sala de aula com o propósito de educar as crianças para o ato leitor.

Palavras constroem e desconstroem uma sociedade. Ao aluno deve ser dada a oportunidade de adentrar o mundo das entrelinhas. Não há como desconsiderar como refere Xavier que a sociedade passa “pela quarta revolução industrial e que a web, enquanto novo espaço de comunicação exige novas formas de lidar com a língua” e acresce que:

“1. Leitura e Escrita são processos interdependentes e complementares;
2. Toda leitura é uma reescrita de um texto e toda escrita é a colagem de várias leituras realizadas em outros momentos, pois não há leitura sem escrita nem escrita sem leitura e uma habilidade não sobrevive sem a outra”¹⁶.

Segundo Rojo¹⁷ ainda que parcela significativa da população tenha acesso a educação, a leitura se coloca em segundo plano. Parece haver uma deficiência no sistema educacional brasileiro que não possibilita que os educandos se transformem de fato em leitores e produtores textuais fluentes. O aluno ao ser colocado frente a um livro necessita de liberdade para optar por uma temática que lhe seja mais interessante em um processo frente ao qual desenvolverá sua autonomia justamente em “um espaço de formação e de educação para a informação”, Prado¹⁸

E exatamente nesta ambientação, o professor se constitui como agente de memória, o profissional que no ambiente de sala de aula procurará sempre mediar e perpetuar toda historicidade herdada por meio de histórias e relatos dos mais velhos. Como interpõem Moreira e Paladino¹⁹, “o desamparo discursivo expõe o sujeito ao risco de confrontação com o traumático – aquilo que está fora de sentido”. Quanto mais contextualizado for o ensino mais pretextos serão extraídos possibilitando assim, a verdadeira jornada social.

¹⁵ Mikhaïl Bakhtine, O pesquisador e seu outro (São Paulo: MusaEditora, 2001), 4-5

¹⁶ Antônio Carlos Xavier, Reflexões Em Torno Da Escrita Nos Novos Gêneros Digitais Da Internet. 2005. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20esrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>. 134. Acesso em 28 de outubro de 2018.

¹⁷ Roxane Helena Rodrigues Rojo, A concepção de leitor e produtor nos textos nos PCNs. “Ler é melhor que estudar.” In. M.T.A Freitas & S. R. Costa (orgs.). Leitura e Escrita na Formação de Professores (São Paulo: Musa/UFJF/INEPCOMPED, 2002), 31-52

¹⁸ Ricardo Prado, “Biblioteca, tesouro a explorar”, Nova Escola num 162 (2003): 55-59

¹⁹ Tiago Moreira e Paolo Palladino, “Between truth and hope on Parkinson’s disease, neurotransplantation and the production of the “self” “. History of the Human Sciences Vol: 18 num 3 (2005): 55-82

No entendimento de Prensky²⁰, os jovens da geração tecnológica se interconectam com múltiplas atividades ao mesmo tempo e se habituaram a imediatez do momento advinda de suas relações com seus canais de comunicação social. Este estudioso adverte que em função de todo este imediatismo e a propagação de informações pela internet afastou os jovens das leituras tradicionais dos livros o que conduz a uma deficiência na função escritora. De qualquer forma há uma leitura sendo efetuada bem como uma escrita também.

A mediação oferecida pelo professor, certamente contribuirá para que esse processo interacional transcorra da melhor forma possível. No entanto, nem sempre o educador está preparado para vivenciar situações interacionais em sala de aula, acreditando que, manter o isolamento seja a peça chave para que sua aula transcorra sem maiores conflitos.

No entanto, é de suma relevância destacar que todo ser vivo está em evolução e assim também o contexto relacional. Neste aspecto, McLuhan reivindica que “as instituições escolares propiciem a esta geração um ‘*gestalt do sensorium*’”²¹.

Para McLuhan, “a educação vem sendo utilizada como um mero instrumento de agressão cultural, impondo sobre jovens retribalizados, os valores visuais obsoletos da moribunda idade alfabetizada”²².

Que o ensino de uma leitura crítica, seja parte do processo de desenvolvimento e ampliação da consciência do indivíduo. Aprender, no novo paradigma, é abandonar velhos reflexos, preconceitos e construir um conhecimento diferente. É aceitar o *ir* em outra direção, em direção a alteridade e aceitar sua própria transformação.

Os gêneros textuais no processo de leitura e escrita prazerosa

Fato a priori comum que nas múltiplas situações e espaços relacionais o ser humano se depara com a precisão de ler ou escrever textos. Leituras que trazem informações de diversas situações que ocorrem continuamente. Na realidade, em uma sociedade letrada torna-se praticamente impossível dissociar a interconexão entre leitura e escrita. Ainda que nem todo ser vivo seja alfabetizado. Como refere Amorim “ler e escrever são exercícios de alteridade, pois nossas palavras estão sempre voltadas para o outro e sempre são uma resposta às palavras do outro”²³.

A priori ler é um caminho de interagir com o mundo que cerca cada indivíduo, ou como expressa Larrosa²⁴ “é como deixar-se penetrar, digamos espiritualmente, por uma substância que tem a capacidade de formar a alma”. Já a leitura, de acordo com Gil se configura no “ato mais sublime ao alcance da humanidade” e acresce que:

²⁰ Marc Prensky, Digital natives, digital immigrants. [Em Linha]. Disponível em <http://www.educaus.edu/ir/libra> Acesso em outubro de 2018.

²¹ Herbert Marshall McLuhan, L’avenir de l’éducation: la generation de 1989. In. Mutations 1990. (Paris: Name, 1969), 299.

²² Herbert Marshall McLuhan, L’avenir de l’éducation: la generation...

²³ Marília Amorim, O pesquisador e seu outro... 45.

²⁴ Jorge Larrosa, Linguagem e Educação depois de Babel. Coleção Educação: experiência e sentido (Belo Horizonte: Autêntica, 2004), 34.

“Ler é transcender, é possibilitar, é ir além do nosso por vezes cruel mundo imediato - tantas e tantas vezes nos abrigamos no conforto acolhedor da leitura quando estamos amuados ou pesarosos. Ler é abrir janelas, destramar portas, enxergar com outros olhares, estabelecer novas conexões, construir pontes que ligam o que somos com o que outros tantos outros, imaginaram, pensaram, escreveram. Ler é fazer-nos expandidos²⁵”.

A partir do ato da leitura, o autor ainda infere ser possível o desenvolvimento de múltiplas:

“operações cognitivas, hierarquizando os argumentos, comparando os enunciados, descartando ideias que pouco nos agradam, destacando outras e colocando aquelas que mais apreciamos em contato com ideias e enunciados de outros livros, de outros temas, de outros autores, de outros mundos. Usamos essas ideias - que agora já nos constituem - nas conversas com nossos amigos, em nosso trabalho, em nossos lares. Utilizamos-nos delas para sermos melhores amigos e amigas, melhores pais e mães, melhores trabalhadores, melhores empresários ou melhores políticos²⁶”.

Há um entendimento de que o educador, aparte de sua graduação, carece de transformar o texto em ferramenta diária no cotidiano escolar, como refere Marcuschi “a leitura e a escrita são fatores essenciais para a inclusão social e inserção do aluno no mundo letrado”²⁷.

O ambiente educacional envolto por gêneros textuais diversificados possibilita a interconexão entre as múltiplas áreas do conhecimento e ao mesmo tempo colabora com o processo de aprendizagem e o desenvolver do ato leitor e escritor. O professor é a figura mais significativa para interagir o aluno com gêneros textuais elaborados tanto em sala de aula quanto os produzidos fora dela.

O papel dos multimeios na leitura e escrita prazerosa

Um livro é um multimeio que proporciona a seu leitor múltiplas viagens sem ao menos sair do lugar. Serve de propulsor da criatividade e ainda instiga o livre pensar e escrever de novas descobertas, novas aventuras encantadas. Como profere Calais²⁸ o leitor ao ter a competência criativa instigada é impelido “a pensar, são mais felizes, se relacionam melhor, conseguem abstrair melhor os dilemas impostos pela vida como perdas, ausência, desafios, a falta de amor, por exemplo”.

Os atos de leitura e escrita na contemporaneidade se transformaram em preocupação para os autores que estudam a linguagem. No entendimento de Freitas “no encontro do autor com seus possíveis leitores, muitos outros sentidos se constroem” afinal, “um autor não consegue impor um limite à sua leitura”. Na verdade, o autor refere acerca de “diferentes leituras de diferentes leitores” e menciona que “aquele que recebe o

²⁵ G. Gil, Lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura. <http://www.cultura.gov.br/discursos/>

²⁶ G. Gil, Lançamento do Ano Ibero-Americano...

²⁷ G. Gil, Lançamento do Ano Ibero-Americano...

²⁸ Cláudia Buzzette Calais, In: A Importância dos livros para a formação de leitores. 2013. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56191.pdf>

texto também dele participa com sua subjetividade e torna-se co-autor da obra, inventando, recriando, deslocando e distorcendo”²⁹.

Ao ler, é possível desenvolver métodos próprios para promover uma melhor compreensão do texto. E em épocas de alto desenvolvimento tecnológico, a leitura e a escrita se transformam em um grande desafio para as escolas e para os professores que se veem impelidos muitas vezes a aceitar a leitura digital como um meio prazeroso da atual geração para desenvolver cada vez mais suas habilidades e competências escritora e leitora.

Com o olhar direcionado para as novas reconfigurações sociais, os chats, os blogs, as diversas redes sociais convergem para uma forma de comunicação espontânea e que se efetua em interação a uma nova forma de ler e escrever, agora, por meio das novas tecnologias.

Assim, a nova geração, como propõem Garcia, Stein e Ramón “não reivindica: executa a partir de suas decisões, dos blogs e dos SMS e ao mesmo tempo não polemiza nem pede autorização: age”³⁰.

Nesse sentido Xavier afirma que “em decorrência de uma pesquisa por ele realizada, pode constatar que houve aumento significativo na leitura após conhecer a rede”³¹.

Ainda de acordo com Xavier parece não haver “dúvida de que todo ser em formação intelectual, principalmente na adolescência, precisa”³²:

a) variar a leitura dos gêneros de texto que circulam na sociedade a fim de ler e distinguir. Ele deve ler romances, crônicas, novelas, poemas, ensaios, entre si atendem às suas necessidades sócio-comunicativas,

b) variar os suportes, as superfícies dos objetos de leitura, para assim ter contato com o papel, com os diferentes formatos de livros, jornais, cartazes, panfletos etc.

Um processo que pode vir a propiciar novas experiências de leitura e escrita do aprendiz que vivem um momento transitório do analógico para o digital. A Internet, como descreve Xavier se modifica em uma “mídia que tem como fundamento central o conceito de liberdade de expressão. Nunca esse sintagma esteve tão valorizado em toda história da humanidade”³³.

Na atualidade, faz-se primordial desenvolver no jovem a competência leitora/escritora, na sociedade contemporânea as exigências são acirradas, para tanto é necessário que recorra a estímulos para que se promova a introdução do hábito de leitura nos alunos.

²⁹ Maria Teresa de Assunção Freitas, “A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa”, Cad. Pesqui. num 116 (2002): 97

³⁰ Guido Stein e José Ramón García, Quem é a geração Y?...

³¹ Antônio Carlos Xavier, Reflexões Em Torno Da Escrita Nos Novos Gêneros Digitais Da Internet. Disponível em: <http://www.ufpe.br/pdf>. 2005, 234. Acesso em agosto de 2019.

³² Antônio Carlos Xavier, Reflexões Em Torno Da Escrita Nos Novos...

³³ Antônio Carlos Xavier, Reflexões Em Torno Da Escrita Nos Novos...

Considerações Finais

Há muitas polêmicas que envolvem o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita até mesmo em decorrência do fato que a linguagem se sucede no tempo, ou melhor, se organiza no tempo. A oralidade é de suma relevância na vivência do aluno e, portanto, não pode está distante do uso social da escrita.

Quer seja por questões econômicas ou mesmo em decorrência da falta de tempo dos pais em interagirem com seus filhos, mas o fato é que há um distanciamento expressivo de muitos jovens tanto da leitura quanto da escrita dita convencional.

Assim sendo, as rodas de leitura se constituem como ferramenta de suma importância no desenvolvimento do hábito leitor, por meio destas se torna possível ampliar reflexões, questionamentos, a concentração do aprendiz, além da desinibição e o trabalho em equipe.

Por vezes talvez não seja compreensível para o aprendiz o quanto sua conexão com o mundo da leitura promoveria uma melhor escrita e conseqüentemente o quanto poderiam vir a ampliar suas chances no mercado de trabalho. Oriundos de uma era altamente tecnológica, o jovem aprendiz se conecta a uma diversidade mais expressiva para desenvolver suas habilidades leitoras e escritoras.

O ler e o escrever se interconectam e fomentam o ato de desenvolver no ser humano potenciais antes não imaginados e que muitas vezes faz com que o aprendiz desenvolva uma escrita mais coerente e coesa justamente pelo fato do hábito da leitura.

Portanto, havemos de refletir acerca de uma formação que propicie ao aprendiz momentos de interação com conteúdos que possibilitem aos mesmos conhecer mais e mais sua realidade sócio-histórico-cultural, do contrário, ainda que frequentando os bancos escolares, ter-se-a que conviver com uma geração apática, que não consegue argumentar a partir de base sólida.

Referências

Amorim, M. O pesquisador e seu outro - Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora. 2001.

Barros, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.) Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP. 2000.

Bakhtin, Mikhail. Estética da criação verbal. São Forense Universitária. 1992.

Barcelos, R. H. Nova mídia, "Socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens". Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. 1997.

Calais, C. B. In: A Importância dos livros para a formação de leitores. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56191.pdf>. 2013.

Cunha Filho, J. L. Alfabetização de adultos e universidade: algumas ideias para discussão. In: Caderno da ABESC. Alfabetização de jovens e adultos nas IES Católicas. Belo Horizonte: PUC Minas. 2002.

Chartier, Roger. Textos, Impressos, Leituras. In: História Cultural: entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

David, W. Anotações Sobre Bakhtin. Disponível em <http://mestradodotche.blogspot.com/2016/05/anotacoes-sobre-bakhtin-unicamp.html> 2003.
Freitas, M. T. A. “A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa”. Cad. Pesqui., num116 (2002): 21-39.

García, P., Stein G. e Ramón, J. Quem é a geração Y? Disponível em <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/9418164.pdf>

Gil, G. Lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura. Disponível em http://www.cultura.gov.br/discursos/-/asset_publisher/DmSRak0YtQfY/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-no-lancamento-do-ano-ibero-americano-da-leitura-37189/10883. 2019.

Larrosa, J. Linguagem e Educação depois de Babel. Coleção Educação: experiência e sentido. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

Leffa, V. J. O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais. In: IV Seminário De Línguas Estrangeiras, Goiânia. Anais do IV Seminário de Línguas Estrangeiras. Vol: 1. Goiânia: UFG. 2002. 2001. 95-108.

Marcuschi, L. A. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005.

Mélich, J. C. “Pedagogia da finitude”. Revista Linha Direta. SINEPEs–AEC. Ano 5 num 49 (2002): 29-46.

Moreira, Tiago e Palladino, Paolo. “Between truth and hope on Parkinson’s disease, neurotransplantation and the production of the “self” “. History of the Human Sciences Vol: 18 num 3 (2005): 55-82.

Mcluhan, H. M. L’avenir de l’education: la génération de 1989. In: Mutations 1990. Paris: Ed. Name. 1969.

Prado, R. Biblioteca, tesouro a explorar. Nova Escola num 162 (2003): 55-59.

Prensky, M. Digital natives, digital immigrants. [Em Linha]. Disponível em <http://www.educase.edu/ir/library/powerpoint/SAC0504.pps> ano 1969.

Rojo, R. H. R. A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: “Ler é melhor do que estudar”. In M. T. A. Freitas & S. R. Costa (orgs) Leitura e Escrita na Formação de Professores, 31-52. São Paulo: Musa/UFJF/INEPCOMPED. 2002.

Rosa, J. G. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva. 2011.

Rousseau, J. J. Ensaio Sobre a Origem das Línguas em Rousseau. 4ª ed. São Paulo: 1987.

Sartre, Jean-Paul. As palavras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.

Tiquara. Figuras de linguagem. 2010
<http://momentotiquatira.blogspot.com/2010/03/figuras-de-linguagem.html>

Vygotsky, Lev. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

Xavier, A. C. Reflexões Em Torno Da Escrita Nos Novos Gêneros Digitais Da Internet. 2005. Disponível em <http://www.ufpe.br/pdf>

CUADERNOS DE SOFÍA
EDITORIAL



Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Ciencias de la Documentación**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Ciencias de la Documentación**.